
A DUPLA COLONIZAÇÃO DA MULHER NOS ROMANCES “O ALEGRE CANTO DA PERDIZ”, DE PAULINA CHIZIANE, E “JESUSALÉM”, DE MIA COUTO

DOUBLE COLONIZATION OF WOMEN IN O ALEGRE CANTO DA PERDIZ, BY PAULINA CHIZIANE, AND JESUSALÉM, BY MIA COUTO

Keiliane da Silva Araújo Carvalho¹

Resumo: O trabalho propõe uma reflexão concernente à dupla colonização da mulher, nos romances *O Alegre Canto da Perdiz* (2008), de Paulina Chiziane e *Jesusalém* (2009), de Mia Couto. Para tanto, as teorizações formuladas por Cristian Pagoto (2007); Thomas Bonnici (2000; 2005; 2007); Michelle Perrot (2007); Deepika Bahri (2013); Kathryn Woodward (2014), entre outras, servem como base de sustentação.

Abstract: This study reflects on the double colonization of women in the novels *O Alegre Canto da Perdiz* (2008), by Paulina Chiziane, and *Jesusalém* (2009), by Mia Couto. The theories conceived by Cristian Pagoto (2007), Thomas Bonnici (2000; 2005; 2007), Michelle Perrot (2007), Deepika Bahri (2013), Kathryn Woodward (2014), and other authors, serve as basis for this study.

Palavras-chave: Dupla colonização; Mulher; Gênero; Romance Pós-colonial.

Keywords: Double colonization; Women; Gender; Postcolonial Novel.

Considerações Iniciais

O resultado das discussões circunscritas aos estudos pós-coloniais e aos estudos culturais apontam um redirecionamento cultural, social e político, e influencia na maneira com que as mulheres, os periféricos e as minorias são retratados e/ou retratam a si. É a partir desses novos parâmetros que a hegemonia ocidental “passa a ser contestada e os discursos produzidos por historiadores, políticos, administradores, missionários, que sempre serviram para solidificar a imagem ideológica do outro como o diferente, são relidos” (BONNICI, 2000, p. 8). Mesmo diante da vasta contribuição fornecida a partir desses arcabouços interpretativos, ainda há muito a se fazer, a se pensar, a se discutir.

Embora difundido, um dos aspectos pouco contemplados nesses campos discursivos, na concepção de Cristian Pagoto e Thomas Bonnici (2007), diz respeito à “dupla colonização da mulher”, ponto que tentarei esboçar no decorrer desta pesquisa. Para tanto, os romances pós-coloniais *O Alegre Canto da Perdiz* (2008), de Paulina Chiziane e *Jesusalém* (2009), de Mia Couto, servem como objetos investigativos.

¹ Mestranda em Letras/Literatura pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI



Colonização e Dupla Colonização: Breves Reflexões

Na perspectiva de Frantz Fanon (2005, p. 197), “o domínio colonial, porque total e simplificador, logo fez com que se desarticulasse de modo espetacular a existência cultural do povo subjulgado”. Nesse sentido, a invisibilidade, a subalternidade, e a categoria de não-humana (mulher infértil) conferidas à mulher, se estabelecem como um efeito colateral da ação colonizadora. Isso porque, nas ideias de Bonnici (2005, p. 263), a colonização e, conseqüentemente, o discurso colonialista “eram também impregnados pelo patriarcalismo e pela exclusividade sexista”. O autor explica que esse essencialismo pode ser ilustrado pela utilização totalizante do termo “homem e seus derivados”, que “incluíam o homem e a mulher [...]. A ideologia subjacente consistia, portanto, na junção das noções metrópole e patriarcalismo que estavam empenhados em impor a civilização europeia ao resto do mundo” (BONNICI, p. 263). Em outras palavras, isso implica dizer que a cultura patriarcalista, bem como a colonização, moldaram a linguagem a contento. Dessa maneira, tal qual o sujeito homem, que é representativamente holista, o emprego de classes gramaticais e palavras outras, também, é feito no gênero masculino.

Para além disso, Deepika Bahri (2013, p. 662) contribui para o discurso ao afirmar que “a teoria feminista e a teoria pós-colonial se ocupam de temas semelhantes de representação, voz, marginalidade e da relação entre política e literatura”. No que se refere às discussões sobre gênero, os estudos pós-coloniais contemplam, também, as conseqüências internamente colonizadoras do patriarcado, social e/ou literário, nas sociedades colonizadas. Dentre os aspectos aludidos está a “dupla colonização da mulher”. Essa circunstância justifica a íntima relação entre o feminismo e os estudos pós-coloniais, conforme sugere Bonnici (2000). O autor explica, *a posteriori*, que “se o homem foi colonizado, a mulher, nas sociedades pós-coloniais, foi duplamente colonizada” (BONNICI, p. 16). Assim, ao trazer à tona essas questões, o propósito consciente dos discursos pós-coloniais e do feminismo:

É a integração da mulher marginalizada na sociedade. De modo semelhante ao que acontece nas reflexões do discurso pós-colonial, no primeiro período do discurso feminista, a preocupação consistia na substituição das estruturas de dominação. Essa posição simplista evoluiu para um questionamento sobre as formas literárias e o desmascaramento dos fundamentos masculinos do cânone. Nesses debates, o feminismo trouxe à luz muitas questões que o pós-colonialismo havia deixado obscuras, e vice-versa. De fato, o pós-colonialismo ajudou o feminismo a precaver-se de pressupostos ocidentais do discurso feminista (BONNICI, 2005, 266).



No bojo dessa questão, é lícito afirmar que as narrativas pós-coloniais, imbricadas de um discurso feminista, travestem-se de um caráter “desconstrutivista”, porque refutam o lugar de subalterna em que a mulher foi, histórica e socialmente, colocada. Nos romances pós-coloniais *O Alegre Canto da Perdiz* (2008) e *Jesusalém* (2009), como será evidenciado, adiante, essas temáticas se apresentam de modo a provocar uma reflexão no que toca à alteridade e o respeito à diferença.

A Dupla Colonização da Mulher nos Romances *O Alegre Canto da Perdiz*, de Paulina Chiziane, e *Jerusalém*, de Mia Couto

Autora de *O Alegre Canto da Perdiz* (2008), Paulina Chiziane denomina-se contadora de histórias, quando, na verdade, é considerada uma das maiores escritoras do continente africano. Ela foi a primeira mulher moçambicana a escrever um romance, o *Balada de Amor ao Vento*, ao inaugurar a sua atividade literária romanesca em 1990. Igualmente moçambicano é o escritor Mia Couto, autor de *Jesusalém* (2009). Consagrado como um dos principais nomes da produção literária africana, ele é um dos responsáveis pelo desenvolvimento e solidificação da literatura do seu país. Em conformidade com o juízo formulado por Francisco Noa (2017, p. 75), “as literaturas africanas modernas, [...], têm uma existência relativamente curta, cerca de um século, portanto, dificilmente elas poderão ser dissociadas de perspectivas de representações onde prevalecem questões de poder”. Nesse sentido, Paulina Chiziane e Mia Couto, ao fazerem uso de uma postura que se estabelece, *a priori*, como anti-colonialista, desenvolvem muitas de suas produções literárias à luz de um engajamento social que reflete alguns dos problemas ocasionados pela colonização, bem como pela longa temporada de guerra que objetivava a emancipação de Moçambique. E isso é perceptível nos romances supracitados.

O Alegre Canto da Perdiz (2008) contextualiza a colonização em Moçambique. A narrativa tem como *locus* principal a província de Zambézia que, dada a sua influência na construção da personalidade dos personagens, assume, também, um papel de protagonismo. No romance, há um constante aviltamento do corpo negro feminino, o que condiciona as mulheres negras a uma dupla marginalização potencializada por esses demarcadores sociais (mulher/negra). A obra conflui sofrimento e misticismo, de modo a evidenciar as arbitrariedades do poder colonial português. Paralelo a isso, *O Alegre Canto da Perdiz* (2008) evoca as vivências de Serafina, Delfina, Maria Jacinta e Maria das Dores. Esta última, que se estabelece como alegoria representativa da própria Zambézia, devastada, desnudada, emudecida e destituída de sua própria identidade, em face dos impactos da colonização e da guerra, é a personagem a ser analisada neste estudo.

A primeira cena do livro traz à luz uma mulher negra, “tão negra como as esculturas de pau-preto” (CHIZIANE, 2008, p. 7), despida nas margens do rio Licungo. “Maria das Dores é o seu



nome. Deve ser o nome de uma santa ou uma branca porque as pretas gostam de nomes simples. Joana. Lucrecia. Carlota. Maria das Dores é um nome belíssimo, mas triste” (CHIZIANE, 2008, p. 13). O epíteto atribuído à personagem é mais que um símbolo identitário individual. Demasiado significativo à sucessão de acontecimentos na narrativa, ele ilustra que, em uma atmosfera patriarcal e regida pelo domínio do colonizador, o nome Maria das Dores configura-se, também, como metáfora da consternação coletiva.

Equidistante, ao fazer uso de sua voz, Paulina Chiziane lembra que, outrora, as sociedades eram matriarcais:

Os homens invadiram o nosso mundo – dizia ela –, roubaram-nos o fogo e o milho, e colocaram-nos num lugar de submissão. Enganaram-nos com aquela linguagem de amor e de paixão, mas usurparam o poder que era nosso (CHIZIANE, 2008, p. 19).

Sobre esse aspecto, vale mencionar as ideias formuladas por Michelle Perrot. Em *Minha História das Mulheres* (2007), a autora explica que, mesmo sem o reconhecimento devido, as mulheres sempre trabalharam e que, sem o trabalho delas, as sociedades jamais se sustentariam. No cerne dessa questão, é oportuno observar que a personagem de *O Alegre Canto da Perdiz* (2008) se vale de uma estratégia discursiva que reivindica esse lugar de soberania na sociedade. Como uma mensageira, Maria vem de “um reino antigo para resgatar nosso poder ultrapassado. Trazia consigo o sonho da liberdade. Não a deviam ter maltratado e nem expulsado à pedrada” (CHIZIANE, 2008, p. 19).

Entre tiranias, indignações, pauladas e pedradas, Maria das Dores divaga pelo mundo a procura dos filhos que perdeu. Dos filhos que roubaram dela, a bem da verdade. A personagem é tida como louca, fato creditado ao desaparecimento de seus pequenos. Sem lembrar-se do passado, ela rememora os fatos concernentes à própria existência através da mulher do régulo. Esta é uma contadora de histórias que narra a chegada dos portugueses à Zambézia, sem deixar de conferir a eles a culpa pelo flagelo que assola a província moçambicana. A fim de ilustrar, o trecho abaixo se faz necessário, pois mostra que:

Tudo começou quando o pai branco amou a sua. Tudo começou quando nasceu a sua irmã mulata. Tudo começou quando a sua mãe vendeu sua virgindade para melhorar o negócio de pão. Tudo começou com uma relação que envolvia sexo e amargura. Filhos e fuga. Torpor e ausência. Escalada de uma montanha. Soldados brancos na defesa de Portugal. Dinheiro e virgindade. Magia e fortuna (CHIZIANE, 2008, p. 23).

No que toca a mulher do régulo, vale ressaltar que ela exerce uma importância na narrativa.

Ela “refaz e tonifica todo um saber atracado a tradições seculares que a memória coletiva se encarrega de preservar” (NOA, 1998, p. 119), ao passo que atesta a relevância de um dos principais símbolos da tradição africana, a saber: a oralidade.

Além disso, o trecho denota que, culturalmente, “a virgindade é um valor supremo para as mulheres e principalmente para as moças” (PERROT, 2007, p. 64). Por essa razão, “a virgindade das moças é cantada, cobiçada, vigiada até a obsessão” (PERROT, p. 45) e negociada. Outrossim, o fragmento testemunha que “entre o colonizador e o colonizado estabeleceu-se um sistema de diferença hierárquica fadada a jamais admitir um equilíbrio no relacionamento econômico, social e cultural” (BONNICI, 2005, p. 262). O colonizador, munido de um discurso civilizatório, apropria-se das terras, em primeiro plano. É *a posteriori*, pois, que a mulher colonizada se estabelece como uma extensão das terras ocupadas. Nessa perspectiva, é pertinente observar que, não por acaso, a “submissão patriarcal, [...], é o resultado da inferiorização da mulher diante da superioridade masculina. [...], como a metrópole exerce seu poderio sobre a colônia, o homem prova sua superioridade diante da mulher, fazendo dela uma propriedade” (PAGOTO; BONNICI, 2007, p. 151). E dando forma à logicidade dos essencialismos europeus, que se constituem para além da dicotomia branco/negro, como se sabe.

Ao abordar o conceito de essencialismo, Bahri (2013, p. 269) afirma que ele é “marcado pelas expectativas de estabilidade estereotipada e de invariabilidade.” A herança da colonização sustenta que “estereótipos essencialistas podem ser e têm sido usados para inferiorizar e privar de direitos, criar hierarquias raciais e explorar” (BAHRI, p. 270). Em *O Alegre Canto da Perdiz* (2008), os imigrantes, ao adotarem uma postura eminentemente ontológica, exploram as terras e os corpos das mulheres. Na “invasão original”, eles descobriram que:

De todas as sereias, a Zambézia era a mais bela. Os marinheiros invadiram-na furiosamente, como só se invade a mulher amada.

[...]

Os navegantes correram de aldeia em aldeia derramando sangue, profanando túmulos, pervertendo a história, fazendo o impensável. A Zambézia abriu o seu corpo de mulher e se engravidou de espinhos e fel. Em nome desse amor se conheceram momentos de eterno tormento e as lágrimas tornaram-se um rio inesgotável no rosto das mulheres.

Havia lógica em tudo aquilo. O homem apaixonado tudo arrasa para possuir a mulher amada. (CHIZIANE, 2008, p. 60-61-62).

Os trechos exemplificam que há uma constante analogia entre Zambézia e o corpo feminino, isto é, o *locus* provinciano é continuamente personificado. Por esse viés, é cognoscível que a mu-

lher africana “foi sempre encarada pelos colonos portugueses tão somente enquanto um instrumento de dominação sobre os espaços e sobre os homens colonizados” (PINTO, 2007, p. 48). Assim, a mulher mantém uma posição de dependência, porque se relaciona com o colonizador como estratégia de “progresso”, e de servidão, porque é usada por ele. Na esteira do que defende Gayatri Spivak (2010), é lícito afirmar que a mulher colonizada é “subalterna por excelência”. Essa subalternidade traduz a violência colonial em muitos contextos em que a cultura “dita norma sobre homens e mulheres” (CHIZIANE, 2008, p. 23).

Importa mencionar que narrativas como a de Paulina Chiziane desestruturam o ideal colonial, que, como se sabe, não se findou com a descolonização geográfica. Elas se compõem de estratégias discursivas que enfatizam “a necessidade de ruptura com o estado de submissão àqueles modelos e a consequente procura dos caminhos para afirmar essa diferença” (MATUSSE, 1998, p. 74). O mesmo itinerário é feito pelo escritor Mia Couto, que, em *Jesusalém* (2009), dá voz àqueles que foram historicamente silenciados, ao passo que questiona as estruturas de poder.

Traduzido para o Brasil como *Antes de Nascer o Mundo*, o romance *Jesusalém* (2009) dá vazão às aventuras de uma família composta por cinco homens. Estes, ao fugirem de um ambiente conflituoso e devastado pela guerra, encontram abrigo em uma coutada distante das áreas urbanas. As únicas mulheres que compõem a narrativa são: Dordalma, esposa falecida de Silvestre Vitalício; Marta, a estrangeira, e Noci, a nativa. Todas as mulheres, na pequena “humanidadezita”, são subjugadas pelos homens que as cercavam. Mas elas assumem posturas diferentes diante das imposições masculinas.

Mwanito, narrador-personagem, fica desolado ao saber que a mãe, Dordalma, suicidou-se após ser cruelmente “arremessada no solo, entre balas e grunhidos, apetites de feras e raivas de bichos. [...] Um por um, os homens serviram-se dela urrando como se se vingassem de uma ofensa secular. Doze homens depois, a tua mãe restou no solo, quase sem vida” (COUTO, 2009, p. 258). Nas sociedades colonizadas, a lógica que decorre da dicotomia metrópole/colônia mostra “como o poderio masculino tenta impor sua vontade sobre a mulher sem pedir seu consentimento, objetificando-a e tentando anular a sua identidade” (BONNICI, 2000, p. 175). A fim de tentar explicar esse comportamento, as palavras de Perrot (2007, p. 76) explicam que “o corpo das mulheres é também, no curso da história, um corpo dominado, subjugado, muitas vezes roubado”. O estupro coletivo a que Dordalma foi sujeitada indica que à mulher duplamente colonizada resta a invasão territorial e, também, corporal, que, no mais das vezes, se estabelece como um ato violento, brutal. No que concerne à ideia de mulher como propriedade do homem, Noa (2007, p. 97) explica que essa lógica descabida “é um dos fundamentos da sociedade tradicional e patriarcal. [...], o homem concede-se o direito de posse sobre as colheitas,

a casa e os filhos” e, extremadamente, sobre a mulher.

Marta, ao chegar naquele que era o espaço sagrado de Silvestre Vitalício, o pai de Mwanito e Ntunzi, visita justificada pela procura de seu ex-marido, Marcelo, descobriu que “*as mulheres são todas umas putas*” (COUTO, 2009, p. 38 – itálico no original). Com uma ordem de expulsão direcionada à portuguesa, Vitalício determina que:

— *A partir de hoje não há cá mais <<pai>> nem meio <<pai>>. A partir de hoje eu sou a autoridade. Ou melhor, sou o presidente. [...] Sou o Presidente Vitalício.*

[...] E a lei marcial seria imposta em resposta àquilo que ele, fixado no olhar de Marta, designou de <<ingerências dos poderes coloniais>>. Que tudo seria vigiado diretamente por ele, o Presidente. E executado com ajuda do seu braço direito, o Ministro Zacaria Kalash [...].

— *E pontos finais...* (COUTO, 2009, p. 203- itálico no original).

Para além da recusa à mulher no ambiente predominantemente masculino: a coutada patriarcal, o recorte ilustra que as “ingerências dos poderes coloniais” perpetuam. Por uma espécie de ocidentalização da memória, os povos colonizados internalizam as ações empreendidas pelo sistema colonial, de modo a reproduzirem-nas. Mas, ao fazer uso de tal artifício argumentativo, Mia Couto promove uma reflexão ambivalente, pois o exposto também exerce uma função contestatória dos males da colonização.

Voltando à tônica da “dupla colonização da mulher”, é oportuno mencionar que a temática é verbalizada e, assim, percebida com mais perspicuidade em *Jesusalém* (2009) na cena em que Mwanito narra o desejo que Ntunzi, o irmão mais novo, nutria pela portuguesa Marta:

À noite, meu irmão se vangloriava dos avanços sobre o coração dela. Semelhava um general dando informação sobre territórios conquistados. Que lhe espreitava os seios, lhe fragranteara intimidades e que a vira toda nua tomando banho. Faltava pouco para ele se consumir no corpo dela (COUTO, 2009, p. 163).

Nas narrativas coloniais, quase que como um fator natural da história, e nas narrativas pós-coloniais, como uma proposta de reflexão denunciativa, esse aspecto consiste no prestígio do sujeito, homem, e a coisificação do objeto, mulher, que é regulada a contento do sujeito colonizador. Bonnici (2005, p. 67) afirma que “o fim do colonialismo e o entrelaçamento deste com o patriarcalismo durante a era colonial não aboliram a opressão da mulher nas ex-colônias” (BONNICI, p. 67). Porque essa “dupla colonização”, nas palavras do autor supracitado, “é a subjugação da mulher nas colônias,



objeto do poder imperial em geral e da opressão patriarcal colonial e doméstica” (BONNICI, p. 67). Ela acontece à medida que o corpo feminino torna-se uma amplitude da colônia, fazendo com que a mulher sinta, mutuamente, os efeitos do colonialismo e do patriarcalismo. Desta maneira, a mulher colonizada apresenta-se não só como uma integrante do local colonizado. Na linguagem dos tropos², é possível afirmar que ela é o próprio espaço dominado pelo homem colonizador.

Não diferente da realidade de Dordalma e de Marta, Noci era apenas um produto, uma vez que era constantemente objetificada, como atesta o excerto abaixo:

Para conseguir emprego, ela se entregou nos braços de um comerciante, dono de negócios. Chamava-se Orlando Macara e era o seu patrão diurno e amante nocturno. Na entrevista para selecção do posto de trabalho, Orlando chegou tarde, coxeando como ponteiro do relógio e medindo-a de alto a baixo, sorriso matreiro, disse:

— *Nem preciso de olhar para o currículo. Fica recepcionista.*

— *Recepcionista?*

— *Para me recepcionar a mim.*

Obtivera emprego demitindo-se de si mesma. No fundo, dentro dela se havia formado uma decisão. Ela se separaria em duas como um fruto que se esgarça: o seu corpo, era a polpa; o caroço, era a alma. Entregaria a polpa aos apetites deste e de outros patrões. A sua própria semente, porém, seria preservada. De noite, depois de ter sido comido, lambuzado e cuspidado, o corpo retornaria ao caroço e ela dormiria, enfim, inteira como um fruto. Mas esse sono reparador tardava a ponto de ela desesperar (COUTO, 2009, p. 169 – itálico no original).

O dualismo patrão/amante subjaz o consumo do corpo comprado: a prostituição. Perrot (2007, p. 77) explica que, motivada, no mais das vezes, “pela miséria, pela solidão, a prostituição é acompanhada de uma exploração, ou mesmo de uma super-exploração, do corpo e do sexo das mulheres”, em detrimento de suas subjetividades e dignidades. Isso mostra que “a gama de violências exercidas sobre as mulheres é ao mesmo tempo variada e repetitiva” (PERROT, 2007, p. 76), isto é, se manifesta sob várias facetas.

Outro ponto importante a ser dito sobre o trecho destacado é que Noci é uma mulher negra. Por esse motivo, ela tem seu corpo hipersexualizado em face de um estigma oriundo da colonização: o de que a mulata é ferosa. Fanon (2008) teoriza essa questão e refuta a ideia de que, por razões es- tritamente epidérmicas, os pretos são dotados de potência sexual.

Consoante afirma Bonnici (2005, p. 265), “a opressão, o silêncio e a repressão das sociedades pós-coloniais decorrem de uma ideologia de sujeito e de objeto mantida pelos colonizadores”. O au-

2 “Uma mulher da colônia é uma metáfora da mulher como colônia” (DU PLESSIS, 1985, apud BONNICI, 2005, p. 266).



tor acrescenta que, “nas sociedades pós-coloniais, o sujeito e o objeto pertencem a uma hierarquia em que o oprimido é fixado pela superioridade moral do dominador” (BONNICI, 2005, p. 265), que é sempre “homem-branco-europeu-cristão”. Para Kathryn Woodward (2014, p. 54), é “por meio dessas dicotomias que o pensamento europeu tem garantido a permanência das relações de poder existentes”. Mas, a autora explica, na esteira do pensamento derridiano, que as dicotomias não são ontologicamente fechadas e, portanto, podem ser desconstruídas.

Dessa maneira, algumas produções literárias pós-coloniais, como *O Alegre Canto da Perdiz* (2008) e *Jesusalém* (2009), tendem a desfazer essa visão dicotômica essencialista e excludente.

Considerações Finais

A partir do exposto, vale ressaltar que “é exatamente a experiência da supressão de sua cultura e da eliminação de suas identidades que integra o conteúdo das narrativas de povos pós-coloniais” (BONNICI, 2005, p. 11). Desse modo, os discursos denotados nas narrativas analisadas acima surtem efeito porque se estabelecem como veículos desconstrucionistas da visão eurocêntrica fabricada pelo domínio colonial. Em *O Alegre canto da Perdiz* (2008), Maria das Dores recusa as imposições de Simba, deserta as amarras que a circunscrevem e foge das discrepâncias que perpassam o gênero. Em *Jesusalém* (2009), Marta chega e desestabiliza a lógica patriarcal de Silvestre Vitalício, uma vez que a estada dela na coutada, significa, por si só, uma afronta ao ambiente hegemonicamente masculino.

Os estereótipos herdados do colonialismo, como é sabido, perpetuam durante longas datas porque estão impregnados no imaginário coletivo. É necessário, pois, lançar mão de reflexões que refutem essa realidade herdada. Assim, muitos escritores como Paulina Chiziane e Mia Couto “criam obras literárias que resistiram aos valores historicamente construídos pelos colonizadores e fornecem uma visão diferente e alternativa do mundo” (BONNICI, 2005, p. 11).

Referências

DEEPIKA, Bahri. “Feminismo e/no pós-colonialismo” In: *Revista Estudos Feministas*. V. 21, nº 2, (2013). Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000200018>. Acesso em 27/09/2019.

BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo horizonte: UFMG, 2005.



- BONNICI, T. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2005.
- _____, T. *O Pós-colonialismo e a literatura*. Maringá: Eduem, 2000.
- CHIZIANE, Paulina. *O alegre canto da perdiz*. Ed. Caminho, 2008.
- COUTO, Mia. *Jesusalém*. Ed. Caminho, 2009.
- FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.
- _____, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Bahia: Editora Edufba, 2008.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Trad. Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.
- NOA, Francisco. *Uns e outros na literatura moçambicana*. São Paulo: Editora Kapulana, 2017.
- _____, Francisco. *A escrita infinita: ensaios sobre a literatura moçambicana*. Maputo: Livraria Universitária/UEM, 1998.
- MATUSSE, Gilberto. *A construção da imagem de moçambicanidade em José Craveirinha, Mia Couto e Ungulani ba ka Khosa*. Maputo: Livraria Universitária/UEM, 1998.
- PAGOTO, Cristian e BONNICI, Thomas. A dupla colonização da mulher no romance A Escrava Isaura. In: *Línguas & Letras*, v. 8, n° 15, 2007.
- PINTO, Alberto Oliveira. O colonialismo e a 'coisificação' da mulher no cancionário de Luanda, na tradição oral angolana e na literatura colonial portuguesa. In MATA, Inocência; PADILHA, Cavalcante. *A mulher em África – Vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Colibri, 2007, p. 35-49.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: T.T. da Silva; S. Hall, & K. Woodward (orgs.), *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais* (pp.7-72). (T.T., da Silva Trad.). Petrópolis: Vozes, 2014.

